

# I

## A ANUNCIAÇÃO A MARIA DO NASCIMENTO DE JESUS *(Lc 1,26-38)*

**T**eodoro, o Leitor, autor grego do século VI, foi o primeiro a ter a brilhante idéia de chamar Lucas de “o pintor da Virgem”. A tradição posterior entendeu isso literalmente, pensando que Lucas fora um mestre do pincel. Na verdade ele burilou em traços delicados e ao mesmo tempo vigorosos um retrato teológico de Maria. Pintor e artista, portanto, mas não do pincel, porém de colorido teológico, deixou-nos a mais rica representação mariológica de todo o Novo Testamento. A página fundamental é aquela de Lc 1,26-38, centelha que ilumina qualquer discurso qualificado sobre Maria.

É comumente lembrado que qualquer fala sobre Maria recebe luz e significado de sua relação com Jesus. Por isso a presente página perfuma sobretudo de cristologia. Conseqüentemente privilegiamos o título “A Anunciação a Maria do nascimento de Jesus” para focalizar que o personagem importante é Ele. É seu nascimento que conta, que faz história, e bem mais: “Boa Notícia”, isto é, o “Evangelho”. Para que um nascimento assim pudesse historicamente acontecer, requereu-se a colaboração livre, inteligente e amorosa de Maria.

## O texto

<sup>26</sup>No sexto mês, Deus enviou o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, <sup>27</sup>a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria. <sup>28</sup>Entrando, disse-lhe o anjo: “Salve, cheia de graça, o Senhor é contigo”. <sup>29</sup>Com tais palavras ela ficou perturbada e perguntava-se o que significava tal saudação. <sup>30</sup>Mas o anjo lhe disse: “Não tenhas medo, Maria, porque achaste graça junto de Deus. <sup>31</sup>Eis que conceberás e darás à luz um filho e o chamará Jesus. <sup>32</sup>Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, <sup>33</sup>e reinará sobre a casa de Jacó eternamente e o seu Reino não terá fim”. <sup>34</sup>Então Maria disse ao anjo: “Como acontecerá isso, se não conheço homem?” <sup>35</sup>O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso aquele que nascer será chamado Santo, Filho de Deus. <sup>36</sup>E eis que Isabel, tua parenta, concebeu também um filho em sua velhice, ela que era chamada estéril, e já está no sexto mês, <sup>37</sup>pois nada é impossível para Deus”. <sup>38</sup>Disse então Maria: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo se afastou dela.

## Contexto e dinâmica do trecho

O evangelista Lucas construiu um admirável díptico que estabelece um paralelismo entre João Batista e Jesus. Depois do anúncio do nascimento de João, segue o anúncio do nascimento de Jesus. O nosso texto tem uma evidente ligação com o precedente, demonstrado também pelo “sexto mês” que o coloca em relação com a maternidade de Isabel. Tal maternidade será de novo invocada na mensagem angélica, que a apresentará como sinal. As duas mães, com os respectivos filhos no útero, serão posteriormente temas do trecho seguinte: 1,39-45. O nosso trecho aparece, portanto, inserido sabiamente no contexto, graças à temática do anúncio do nascimento, das duas mães e do fruto de sua concepção. Motivos de ligação com tudo que precede são dados também por Gabriel, o mesmo mensageiro celeste, que dá uma entonação divina aos dois relatos.

Com o capítulo 1,26 inicia-se comumente um novo trecho, porque estão presentes as características de uma situação inicial: lugar, tempo, composição da família, nomes, condições da gravidez e predições sobre o menino. Apresentando uma outra família e um outro nascimento organiza-se uma nova rede de relações e de oposições, demonstrando um brilhante paralelismo com o relato precedente, do qual se retoma o gênero literário.

Bem situado no conjunto, o trecho possui uma linear e harmônica estrutura interna. Depois de uma introdução que propõe as coordenadas espaciais e temporais, são apresentados os personagens que animam a cena, com particular atenção a Maria (vv. 26-27). O centro, o verdadeiro personagem do trecho, revelar-se-á progressivamente e será como o “coração” que vai-se abrindo pouco a pouco. Literariamente falando, a parte mais ampla do trecho é ocupada pelo diálogo, emoldurado pela chegada e pela partida do anjo (v. 28a e 38b). O diálogo desenrola-se na trajetória de uma tríplice intervenção verbal do anjo, à qual corresponde uma tríplice reação de Maria, segundo o esquema seguinte:

- |     |               |  |
|-----|---------------|--|
| I   | <i>Anjo:</i>  | saudação (v. 28b)  |
|     | <i>Maria:</i> | reação emotivo-intelectual (v. 29)   |
| II  | <i>Anjo:</i>  | primeira parte da mensagem (vv. 30-33)<br>resposta à perturbação de Maria (v. 30)<br>anúncio da concepção e do nome (v. 31)<br>grandeza do filho (vv. 32-33) |
|     | <i>Maria:</i> | reação verbal; pergunta (v. 34)  |
| III | <i>Anjo:</i>  | segunda parte da mensagem (vv. 35-37)<br>identidade profunda do nascituro (v. 35)<br>sinal: gravidez de Isabel (v. 36)<br>citação bíblica (v. 37)            |
|     | <i>Maria:</i> | reação verbal; adesão (v. 38)  |

É fácil notar que o anjo tem sempre a iniciativa e que distribui a sua mensagem em uma introdução (saudação inicial) e em um conteúdo articulado em duas partes: na primeira anunciam-se o nascimento e a grandeza do menino, enquanto na segunda, teologicamente mais substancial, dá-se a verdadeira identidade do menino. À continuação da palavra do anjo, que expõe cada vez mais detalhadamente o projeto divino, corresponde uma reação sempre mais pessoal de Maria, feita inicialmente de silêncio reflexivo, depois de pergunta e finalmente de consentimento.

### **Breve comentário**

Deus, mediante seu mensageiro, intervém na vida de Maria e com sua proposta tenciona realizar um salto de qualidade em toda a história. Maria é como o microcosmo que reflete o macrocosmo da história da salvação: parte do povo da Antiga Aliança é convocada como primícias do novo povo de Deus; é convidada a colaborar como primeira pessoa para que o Filho de Deus pudesse inserir-se no tecido da família humana; é habilitada para tal tarefa com um especial favor divino, que se chama “graça”, protótipo e síntese de todos os carismas concedidos pelo Senhor a seus fiéis.

### **Maria, ícone do amor de Deus**

A realização das promessas inicia-se com uma mulher. Fato desconcertante para a mentalidade e para os tempos de então: a história da salvação partia dos trilhos masculinos, deixando às mulheres somente o papel de parceira. Agora a mulher torna-se protagonista, marginalizando as figuras masculinas.

Deus intervém na história de uma mulher — como tantas

vezes na vida das pessoas — arrancando-a do cotidiano e colocando-a na perspectiva divina. O anjo Gabriel, o mesmo que interveio na vida de Zacarias, é o anjo dos tempos decisivos, o mensageiro de Deus para explicar o projeto de Deus (cf. Dn 9,22: “Daniel, vim para instruir-te e fazer-te compreender”). É sempre assim na história: os mensageiros podem mudar de figura e de apresentação, ser uma pessoa, uma frase bíblica, uma experiência ou outra coisa, porém, respondem todos ao denominador comum de estar sintonizados com o projeto divino. Assim a pessoa humana é colocada em condições de considerar a realidade de uma perspectiva nova e insólita, divina. Em termos teológicos, Deus revela-se e a pessoa é escolhida como parceira privilegiada da aliança, chamada a colaborar com Deus.

A Maria dirigiu-se uma saudação angélica inusitada e solene: “Alegra-te (ao invés de ‘Saúda-te’), cheia de graça, o Senhor é contigo” (1,28). O atributo lhe dado, “cheia de graça”, deve ser entendido corretamente. Em linguagem rigorosamente teológica, só Deus pode dizer-se cheio de graça e assim o apresenta a Bíblia: “misericordioso e piedoso..., rico de graça e de fidelidade” (Êx 34,6). A graça é a manifestação do livre amor de Deus, realidade visível de sua natureza íntima. A aplicação só pode ter sentido derivado: ela é a destinatária privilegiada do dom de Deus; está habilitada para uma íntima comunhão com Ele e, por consequência, pode ser declarada “cheia de graça”. Isso significa que toda a benevolência divina (*cháris*) já está derramada nela, que se torna assim a “agraciada”, a “gratificada” por excelência. O apelativo lhe é atribuído quase como um nome próprio e dá a entender que a graça faz parte de seu ser, é parte integrante de sua pessoa, possuída desde seu nascimento. Podemos então dizer que Maria é o ícone do amor de Deus, quase como uma sua sacramentalização. Nesta linha encontram justificação tantos atributos que lhe foram concedidos pelos séculos. Sentimos a voz de alguns contemporâneos: “Maria, sacramento da ternura materna de Deus” (P. Claudel); “O feminino

autêntico e puro e, por excelência, uma energia luminosa e casta, portadora de ideal e de bondade: a Bem-aventurada Virgem Maria” (Teilhard de Chardin); “Maria, mulher sem adjetivos, ícone do mundo feminino..., é a imagem não só da mulher nova, mas da nova humanidade preservada das miragens das falsas libertações” (A. Bello).

Com razão nota-se uma espécie de equivalência entre o título “cheia de graça” e o seguinte “o Senhor é contigo”. Como este último constitui o elemento essencial da aliança com Deus (cf. 1Sm 16,18), assim a plenitude de graça indica a mais alta expressão de comunhão com uma criatura, a especial presença de Deus na vida de Maria. A afirmação “o Senhor é contigo” vale como garantia da proteção divina, como empenho da parte de Deus em caminhar ao lado de sua criatura. Deus concede a Maria ser aquilo que é, habilitando-a à sua missão. Nela reflete-se a substância divina, a graça, que a torna ícone do amor divino.

A graça que atinge Maria supera toda imaginação e rompe as barreiras do possível. O dom apresenta-se soberanamente pela excepcionalidade de seu fim: a graça concedida consiste em tornar possível a vinda daquele que é “cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14) e ao seu aparecimento torna manifesta “a graça de Deus, portadora de salvação” (Tt 2,11). Compreende-se então que Maria é dotada da abundância do dom divino para que a graça, o Senhor Jesus, possa tornar-se presente em meio aos homens. No NT, sem dúvida, a graça é Cristo que arranca o homem do pecado e o faz passar à vida nova. O dom oferecido a Maria é em função de Cristo.

A saudação surpreende e em parte desorienta Maria, que não se encontra naquelas palavras altissonantes. Por isso procura refletir e achar um sentido nelas. O homem fica sempre surpreso com a intervenção de Deus em sua história porque se vê catapultado para fora dos trilhos do habitual e projetado além dos horizontes do efêmero. A perturbação vem para indicar a

novidade que se prepara quando se entra em relação com Deus. Maria, surpreendida e em parte desorientada pelas palavras, fica refletindo até que lhe seja assegurado: “Não tenhas medo, porque achaste graça junto de Deus” (1,30). A graça é também a razão principal da coragem. A intimidade com Deus tira todo medo, infunde confiança e autoriza a fazer perguntas. Maria interroga-se e interroga para compreender melhor. Sua perturbação à aparição angélica denota uma reação facilmente compreensível e, muito mais, lembra que o homem jamais entra em familiaridade com o divino a ponto de esquecer a abissal diferença. Contudo, Deus conversa com os seus e não quer que a distância se torne falta de comunicação ou, pior ainda, medo. Lá onde medra esse sentimento, cria-se um relacionamento não de todo correto: com o divino é preciso conversar no temor, que é um amor misto de grande respeito, bem distante de qualquer forma de pavor que o termo, não corretamente entendido, poderia evocar. Maria não aparece em uma moldura transfigurada, que conversa com familiaridade com o mensageiro divino. Ela parece interiormente abalada, esmagada pela saudação tão extraordinária, que não há igual em toda a literatura bíblica e judaica. Não combinam com palavras que excedem sua modesta condição de moça, de uma obscura aldeia da Galiléia. Todavia fica pensando, refletindo, demonstrando uma atitude que revelará em seguida (Lc 2,19.51). Procura apalpar-se com a inteligência em busca de uma resposta tranquilizadora.

### **Engajada no jogo da vida**

Provavelmente Maria não encontraria jamais uma resposta, se o anjo não a prevenisse com a explicação de sua mensagem. Por meio dele sente delinear-se o seu destino e mais ainda o do filho, expresso em termos altissonantes que afundam suas raízes na terra fecunda do AT. Repercute no outro a solene profecia

messiânica que o profeta Natã transmitiu um dia ao rei Davi (2Sm 7), alimentando uma esperança que o decurso dos anos parecia tornar cada vez mais ardente. O mensageiro celeste anuncia a Maria a maternidade de um menino: é um nascimento anunciado, preparado pela plurissecular história de Israel que agora transparece nas reminiscências bíblicas do mensageiro. Os títulos são tirados da tradição de Israel, mas se atribuem ao Filho de Maria as mais elevadas expectativas messiânicas. Que se trata de um nascimento é por demais evidente, como também que tal nascimento extrapola o esquema ordinário. Assim Deus faz sempre a quem chama interessar-se pelo jogo mágico da vida. Ele o faz agora com Maria, mas o faz com todas as pessoas que entram em contato com Ele, pedindo-lhe permissão e preparando-a para ser geradora e promotora de vida. E o é quando se gera um novo ser, e o é quando se permite à vida crescer, desenvolver-se e expandir-se. E a vida, segundo o projeto divino, é sempre uma vida integral, complexa, que compreende os aspectos físicos, psicológicos e espirituais. A vida é o fruto de uma harmonia que desponta da feliz combinação de tais aspectos. A vocação profunda do homem é justamente a de ser gerador, conservador ou restaurador de vida.

Na primeira parte da mensagem Maria reage com uma pergunta que encerra uma dificuldade: alguma coisa ela entendeu, mas muito lhe permanece obscuro e por isso pergunta. O homem que encontra Deus deve usar a inteligência. Esta é um elemento que qualifica a pessoa, um grande dom pelo qual é preciso nutrir um vivo sentimento de reconhecimento ao Criador. Deve-se, contudo, temer o abuso desse dom, que por maior que seja permanece limitado. A tentativa de chegar a Deus somente por via racional está fadada ao insucesso, porque Ele está além da compreensão humana. Tampouco entre pessoas pode construir-se um autêntico relacionamento fundado unicamente na inteligência. Ao mesmo tempo nela intervêm a estima, a confiança, a esperança, o amor, em suma, todas as variegadas pos-



sibilidades da pessoa. A vida com Deus não é uma mesa pitagórica em que tudo é lógica e seguramente colocado em lugar prefixado. É antes uma vida que alcança os recursos da racionalidade, mas também da confiança, da esperança e do amor. Convém estar à escuta e pôr-se em sintonia continuamente, o que se realiza na oração.

Mais uma vez a intervenção de Maria, que se tornou palavra que interpela, mostra uma pessoa à procura de sentido. Maria apresenta-se como uma pessoa a caminho, que se cansa em procurar a estrada da compreensão. Por isso se interroga e interroga. Maria, a quem Deus cumulou de graça, não é apresentada como um ídolo ou um ser incorpóreo, feliz sem empenho e sem conquista. A isenção de pecado não a exime do esforço e da fadiga de entrar no projeto divino gradualmente. O Concílio Vaticano II fala de progressão no caminho da fé, que da inicial desorientação passa à pergunta e em seguida à resposta generosa. Tudo isso a faz responsável, consciente, partícipe do acontecimento, plenamente pessoa humana.

Ao desejo de Davi de construir uma casa para Deus corresponde o anseio de Maria de construir uma morada para o Filho de Deus ou, para sermos mais precisos, ser ela mesma a morada. Mais que preparar um templo como Davi, deve-se preparar para ela mesma ser o templo. Efetivamente o templo de Deus somos nós (1Cor 3,16; 2Cor 6,16) e parece exato que Deus prefira a nossa disponibilidade e acolhida a toda forma de suntuosidade exterior.

A obra de Deus no interior da pessoa humana é expressa na segunda parte da mensagem, quando vem anunciado o nascimento virginal, expressão da misteriosa potência criadora de Deus. Aceitando a colaboração com Deus, produzem-se efeitos surpreendentes, impensáveis, absolutamente sobre-humanos. O homem com Deus torna-se divino e por Maria isso verifica-se de modo tão eminente que por uma boa razão pode ser chamada Mãe de Deus: “Aquele que nascerá de ti será santo e chamado

Filho de Deus” (1,35). Os dois títulos sublinham a total pertença a Deus daquele que nascerá. Não vem ao caso insistir em sua humanidade, porque naturalmente compreensível; ocorre, ao invés, insistir em sua divindade. Maria entra no mistério divino e lhe pertence totalmente. Esse é o sentido das palavras “descerá sobre ti” e “te cobrirá com sua sombra”. Elas não têm na Bíblia um significado “generativo” e, portanto, não se pode concluir que o Espírito tenha a função de substituir o pai terreno. O texto pretende dizer que o nascimento do menino não entra no circuito das regras biológicas, mas pertence ao âmbito divino que opera prodígios. O poder de Deus descera sobre Maria e, como a nuvem do deserto, significa uma presença especial de Deus em sua vida. Andar além na tentativa de uma tranquilizadora explicação humana equivale a uma devastadora tentativa de esquematizar as intervenções divinas, segundo a limitada amostragem de nossos parâmetros humanos. Aqui vale o sábio conselho de aproximar-se do mistério na ponta dos pés. Um “excesso de familiaridade” com o Absoluto, devido a uma mal-entendida interpretação da Encarnação, pode gerar equívocos. Se os cristãos arriscam a alteridade de Deus, vai-se rumo a uma fé narcisística que perde suas referências últimas. Para evitar o risco ou para remediar, vai proposta uma sólida “disciplina de arcano”.

### **Maria e o mistério trinitário**

O trecho lucano é a página mariológica mais conhecida e mais citada, porque em nenhuma outra parte do Evangelho se fala tão extensamente sobre Maria. A pesquisa estatística confirma que o nome de Maria aparece quatro vezes, ela é sujeito do verbo em nove casos, recebe três títulos e por nove vezes um pronome ou um adjetivo possessivo referem-se a ela. Contudo mesmo o presente trecho, a exemplo de todos os outros do

Evangelho, só pode ser teológico, absolutamente trinitário. O v. 35, evidente cerne teológico da perícope, fala do Pai, do Filho e do Espírito. Tudo que precede é preparação deste versículo e o que segue sua consequência. No centro está sempre e só o agir divino. Desse Maria é livre e inteligente concretização histórica.

Deus Pai abre explicitamente o trecho quando se dispõe a enviar o anjo e implicitamente o conclui quando Gabriel volta depois da missão cumprida. Tudo fala do referir-se de Deus a Maria, da graça conferida que a habilita à resposta, do realizar as promessas antigas, do preparar e do tornar possível a presença do Filho no meio dos homens pela força do Espírito e a colaboração de Maria.

O Espírito é aqui entendido como a força criadora de Deus que chama à existência. Aquilo que no AT era manifestação da potência divina, torna-se no NT o que Deus escolhe como instrumento de sua ação: Deus age mediante seu Espírito. Embora o v. 35 ressinta-se de uma pneumatologia ainda embrionária (notar o paralelismo entre “Espírito Santo” e “poder do Altíssimo”), o texto inserido no contexto do Evangelho autoriza, sem dúvida, uma leitura “cristã” do Espírito Santo. O Espírito é o instrumento escatológico da finalidade que opera, hoje pelo Filho (1,35) e mais tarde pelo povo (At 1,8).

A concepção virginal, fruto histórico da ação do Espírito e da revelação da liberdade criadora de Deus, assegura e garante a identidade mais profunda do nascituro, que será depois “Filho de Deus”. Virá ao mundo como Filho de Deus. Para realizar o seu plano, Deus escolhe um meio limitado, uma mocinha de uma aldeia perdida no Norte, como em algum tempo havia escolhido o jovem Gedeão (cf. Jz 6,11). O impossível, que é possível para Deus, já se vê na escolha de meios inadequados à finalidade. A pequenez de Maria não é fraqueza, porque possui força interior e fé aberta. O primeiro passo que dá para o futuro é dado por Deus: o Filho de Deus será inteiramente o filho de

Maria. Começa a nova humanidade, fruto da intervenção divina que pede a colaboração da velha humanidade na pessoa de Maria, já renovada para sempre pela graça.

### **O sinal da vida**

Maria recebe um sinal, expressão ulterior da benevolência divina que socorre a compreensão humana, frágil lá onde não acha o sufrágio da experiência. Mesmo o sinal, em sintonia com a mensagem, é uma celebração da vida, confirmando que a graça de Deus promove e exalta sempre a vida. Extraordinário o caso, extraordinário o sinal. Mas mesmo lá onde o homem assume um papel aparentemente comum, lá onde transcorre a vida de todos os dias, é-lhe permitido captar a presença divina, sempre extraordinária. É o convite a lançar o olhar além do horizonte dos estereótipos, para ver o mundo e pasmar-se. O que Deus opera é simplesmente surpreendente, excepcional. Para ele o excepcional é a norma.

O Deus da graça penetrou na existência de Zacarias e de Isabel e concedeu-lhes, já anciãos, serem pais. Na linha da vida, Lucas conta descritivamente a renovada ligação entre Deus e o homem. O Deus fiel quer recomençar com um nascimento. O “nada é impossível para Deus” une a história de Nazaré com a de Sara. A pergunta do Gênesis 18,14: “Há talvez alguma coisa impossível para o Senhor?” atravessou os séculos, identificou-se com o drama das mulheres estéreis e finalmente aterrissa em Jerusalém para encontrar resposta. Maria é portadora de vida e anunciadora de que a vida pertence a Deus, que a faz surgir quando e como quer, também para os que estão fora das vias normais. Em Nazaré o mistério da vida não se exaure e continua seu discurso até a Ressurreição. Também nesse contexto encontramos as mulheres que vão primeiro ao sepulcro: sempre a mulher em relação com o mistério da vida, no seu surgir e no

seu ressurgir. Os pastores vão a Belém, as mulheres vão ao sepulcro. Uns e outros encontram os anjos: para compreender a vida é preciso ser instruídos por Deus. Nesta página Lucas torna os que crêem participantes da ação de Deus em fazer surgir aquele que se definirá “A Vida”.

### **O sim à vida**

A obra de Deus está suspensa, condicionada à permissão, à coragem de uma humilde jovem. Sim, porque Deus gosta de pedir a colaboração, porque mantém com as pessoas um relacionamento dialógico de liberdade e de amor. O seu plano não passará pelo bloqueio de uma eventual recusa, mas deverá dirigir-se por outros caminhos. Maria, interpelada, dá o seu consentimento. Agora a questão é a vontade do homem, sua livre decisão de colaborar com Deus, de sentir-se co-responsável do projeto divino. Só a partir desse momento o homem pode dizer-se verdadeiramente parceiro de Deus. Para que a resposta seja válida, deve estar em sintonia com a proposta. Esta nasce do exuberante amor de Deus, que chama o homem a colaborar e para isso o habilita, comunicando-lhe sua própria vida, a graça.

A necessidade da resposta é admiravelmente descrita pela sensibilidade poética e teológica de São Bernardo: “Responde depressa, ó virgem... Abre teu coração à fé, teus lábios à palavra, teu seio ao Criador” (*In Laudibus Virginis Mariae* IV, 8, PL 183, 84). “Eis-me aqui, sou a serva do Senhor, aconteça comigo o que disseste” (1,38); essas palavras simples e sublimes selam o maior ato de fé na história do mundo, porque representam “o vértice do comportamento religioso diante de Deus, porque exprimem da maneira mais elevada a passiva disponibilidade unida à ativa prontidão, o voto mais profundo que acompanha a maior plenitude” (H. Schürmann, *Il Vangelo di Luca*, I, Paideia, Brescia 1983, p. 154). A resposta de Maria é o primeiro ato de

fé cristã. Suas palavras atingem a temperatura do fogo, porque são o amém de toda a criação do projeto de Deus, expressão de amor incandescente. Os termos, não explicitados no texto, estão evidentemente subentendidos: só por amor se dá consentimento ao Amor que chama. Não será irrelevante notar que a resposta de amor deve ser necessariamente alegre. A tradução não permite perceber os matizes do texto grego que, usando uma rara fórmula verbal (o modo optativo), contém inevitavelmente o ingrediente da alegria que se une ao componente do amor, típica de uma resposta livre.

Maria é virgem. Ela o é certamente em sentido físico, mas também e sobretudo em sentido psicológico porque “disponível”. É uma constante da história de Israel: “O Senhor Deus me abriu os ouvidos e não resisti nem voltei atrás” (Is 50,5). A disponibilidade é para Maria esvaziamento, abandono de qualquer referência egocêntrica. Regenerada e transformada, reconhece a si mesma em referência a outrem: “Eis aqui a serva do Senhor”, sem procurar o pleno assentimento da razão que a faça assumir as responsabilidades. O valor de sua adesão está na ausência de uma correspondência, de um pedido ou de uma proporcionalidade sob medida humana. Confiando somente na palavra transmitida, admitiu viver a experiência fulgurante do encontro com o divino. Torna-se a virgem mãe, a criatura que Deus cumula de graça, a mãe daquele que é o Filho de Deus, a serva do Senhor.

Relação, escuta, pergunta, uso da inteligência e finalmente apelo à vontade e ao amor são etapas do encontro de Deus com Maria. Se for seguido tal percurso, pode-se dizer com Santo Ambrósio que toda pessoa gera Cristo: “Felizes também vós que ouvistes e crestes: toda alma que crê concebe e gera o Verbo de Deus” (*In Lucam* 2,26; CCL 14,41).

A anunciação é um privilégio de Maria em que toda a humanidade está envolvida. Com ela cumpriu-se a primeira união e, mais ainda, a comunhão de Deus com a humanidade.

## **Maria, mãe e modelo dos que crêm**

Maria torna-se modelo da vocação humana universal, figura do que crê e figura da Igreja. Pode-se criar quase um contraponto entre a experiência de Maria e a de qualquer pessoa, firmado nesta palavra do Bem-aventurado Isacco della Stella:

Nas Escrituras divinamente inspiradas, aquilo que é dito em geral da virgem mãe Igreja, entende-se singularmente da virgem mãe Maria, e aquilo que se diz de modo especial da virgem mãe Maria, refere-se em geral à virgem mãe Igreja... Também cada uma das almas fiéis pode ser considerada como Esposa do Verbo divino, mãe, filha e irmã de Cristo, virgem fecunda. O que se diz, portanto, em geral a respeito da Igreja, de modo especial o é para Maria, em particular também para a alma fiel (*Disc.* 51, PL 194, 1863).

Ela é um símbolo, no sentido de fragmento que atinge a sua plenitude quando se compõe com o conjunto de que é parte qualificada. Maria vale por sua referência a Cristo, seja quando nasce em Belém, seja enquanto vive em cada homem: ela é figura e mãe do Cristo total. Em vista desta sua tarefa tornou-se idônea pela graça para responder a Deus prontamente de modo incondicional, como ninguém fizera antes dela. Ela realiza historicamente a expectativa de Deus quanto à primeira mulher. Por isso os Padres da Igreja comprazem-se em ver nela a nova Eva, a filha primogênita da nova criação.

Propriamente porque não é um afetuoso “capricho” do Pai em vista do Filho, mas um exemplo a contemplar e a imitar, todo fiel e a Igreja no seu conjunto devem empenhar-se em tornar vivo o Evangelho da Anunciação, que é o Evangelho do “serviço” a Deus na pessoa do outro. Tal serviço completa-se na conversão, na atitude permanente de mudança de mentalidade para tornar sua própria a vontade divina. A cena no seu conjunto, divinamente bela, não carece de uma suave timidez, humanamente compreensível, e de uma confiante humildade que perturba Maria na vertente de Deus. Nossa Senhora não pediu ex-

plicações nem garantias em sua vida, mas indicou com seu comportamento como andar ao encontro do amor eterno. Nisso permanece um modelo que todas as gerações olharão para aprender como encontrar o Cristo.

### **Do texto à vida**

1. Sinto-me, como Maria, parte viva e integrante de um grande projeto de amor que Deus alimenta a respeito de mim e de toda a humanidade? Quando me detenho a refletir, a rezar, a gostar dessa minha nobre vocação?
2. Sou atento em ler todas as mensagens que o Senhor coloca em meu caminho para indicar-me sua vontade? Como verifico os “sinais dos tempos” que, como uma bússola, me orientam no mar da vida?
3. Qual é a minha atitude na dúvida? Considero-a sempre e somente de modo negativo como expressão de pouca fé, ou sei também vê-la como ocasião de busca, de aprofundamento, de amadurecimento de minha vida espiritual? Sou capaz de consultar-me com qualquer um, de rezar mais, de ler qualquer livro bom para resolver as minhas dificuldades, ou deixo viver e prosperar dentro de mim dúvidas e perplexidades teológicas? Com quem falei pela última vez sobre temas espirituais? Tirei proveito disso?
4. Valorizo a inteligência como meio de aprofundamento, ou a deixo à margem de minha busca espiritual? Estou convencido também de seus limites e da necessidade de integrá-la com outros elementos? Quais?



5. Sou apaixonado pela vida e a promovo em todas as suas manifestações? Tenho um fundamental otimismo que me permite ver serenamente o bem existente e propagá-lo? Esforço-me para superar o mortificante e inconcludente pessimismo que lê sempre e só os aspectos negativos da realidade? Recentemente a quem dei um sopro de vida, indicando o positivo existente?
6. Como vivo a minha fé? Tenho medo das exigências de Deus? Se me vem a faltar alguma “coisa necessária” presumida, deixo-me instruir e envolver em seu método de gerar a vida nova, na certeza de que “nada é impossível para Deus”? Nas dúvidas e nas incertezas, nas fadigas e nos sofrimentos da vida, sei voltar-me para Deus e confiar nele e na sua providência?
7. Estou disponível para uma resposta pronta e generosa à vontade de Deus? Quando me comportei como Maria? Que coisa mudou em minha vida? Que vantagem tiveram os outros?